

DEBOUT SUR L'OEUF
REVISTA INTERNACIONAL de surrealismo
a/c miguel de carvalho
rua ferreira borges, 175 - 1º
3000-180 coimbra
Portugal

Estimado Amigo e Cliente,

Venho pela presente convidá-lo para o lançamento da edição especial de CANTOS À MULHER NOCTURNA da autoria de Sergio Lima, que se realiza dia 1 de Agosto de 2009 pelas 11:00 na Livraria Alfarrabista da Rua Ferreira Borges, nº 175-1º em Coimbra, COM A PRESENÇA DO POETA.

Sergio Lima, poeta e pintor residente em São Paulo no Brasil, foi quem em 1967 organizou a mostra internacional "13ª Exposição Internacional de Surrealismo" e editor da Revista PHALA que até ao presente apenas conheceu apenas o número inaugural (o segundo número está na forja). Com estreitas relações de amizade com os surrealistas portugueses, nomeadamente com Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e Ernesto Sampaio, o poeta Sérgio Lima chegou a publicar poesia em Portugal pela editora "êetc". Para além de autor de uma grande número de livros de poesia e um imponente tratado sobre a COLLAGE assim como sobre O SURREALISMO E O CINEMA, Sergio Lima é também historiador de arte em torno do movimento surrealista mundial, tendo em mãos a publicação do segundo volume da AVENTURA SURREALISTA.

A edição especial que agora se publica de CANTOS É MULHER NOCTURNA constitui uma edição facsimilada de 8 cadernos manuscritos em 1957 de escrita automática de prosa poética. Os cadernos foram posteriormente acondicionados pelo autor numa "caixa de puros" repleta de collages originais também de sua autoria. Todo o conjunto foi aqui facsimilado e reproduzido em múltiplos de 60 exemplares numa caixa de PVC com os 8 cadernos de poesia automática e erótica. ESTES CADERNOS MANUSCRITOS MARCARAM DEFINITIVAMENTE UMA NOVA POÉTICA NA EXPRESSÃO ERÓTICA DO SURREALISMO.

Para qualquer esclareciemnto adicional, queira por favor contactar-me para:

239 826 014
968 079 282
miguel-carvalho@livro-antigo.com

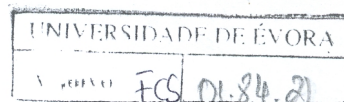
Aguardo atentamente a sua participação e visita. DEBOUT SUR L'OEUF apresento-vos os meus cordiais cumprimentos

*Cruzeiro Seixas
dê notícias suas
sem ser pela PERVE*

DSO

(M)

Coimbra, 23 de Julho de 2009



PARA O MUNDO

NA FIGUEIRA DA FOZ TÊM-SE IDEALIZADO E REALIZADO ENCONTROS EM NOME DESTA IDEOLOGIA; NA FIGUEIRA DA FOZ TÊM PASSADO, ULTIMAMENTE, OS MAIS ACTIVOS SURREALISTAS DE TODO O MUNDO. NA FIGUEIRA DA FOZ TEM PASSADO DESPERCEBIDA A EXISTÊNCIA DE UMA EDITORA (A ÚNICA EM PORTUGAL E UMA DAS MUITO POUCAS NA EUROPA) QUE SE DEDICA EXCLUSIVAMENTE À ACTIVIDADE EDITORIAL (EMBORA AINDA COM PEQUENA PRODUÇÃO) FOCADA UNICAMENTE NO SURREALISMO. FALAMOS DE DEBOUT SUR L'OEUF, DIRIGIDA PELO LIVREIRO ANTIQUÁRIO FIGUEIRENSE MIGUEL DE CARVALHO RESIDENTE NO CABO MONDEGO.



Seixas Peixoto, Miguel Carvalho e Rik Lina – três surrealistas com três dos textos 'sagrados' do surrealismo

destapa-se todo o conjunto para apresentação do resultado global. A imagem resultante constitui assim uma surpresa e um inédito: nunca seria possível a sua obtenção de um único cérebro. Um dos aspectos fundamentais desta prática de jogos é a noção de acção colectiva. Defensores do automatismo e do acaso objectivo, da espontaneidade que não permite outra regra que não a ausência de regras, os surrealistas privilegiam o trabalho colectivo. Na exposição da Amadora, uma tela de seis metros foi assim executada na inauguração, entre participantes e público. Outra das técnicas criativas a várias mãos consiste em, simplesmente, partilhar em simultâneo o acto de criação. Foi o que aconteceu na exposição de Coimbra "O Reverso do Olhar", com uma sessão de pintura automática ao vivo durante o vernissage, com a presença de pintores automatistas costariquenhos, argentinos, holandeses e franceses. "É como uma sessão de jazz (note-se que esta modalidade musical está conectada ao surrealismo exactamente pelo automatismo), cada um pinta livremente, como quer e como sente, e tudo se encaixa, numa melodia visual", ilustrou Seixas Peixoto. O automatismo e a acção colectiva são duas formas de estar essenciais no Surrealismo.

SURREALISMO: UM MUNDO SEM FRONTEIRAS

Mas como se conhecem, como se relacionam, os surrealistas de todo o mundo? "Há quem trabalhe sobretudo sozinho", reconhecem os surrealistas da Secção do Cabo Mondego. Mas muitos sentem que o automatismo e jogos como o cadavre-exquis contribuem para o plano superior do maravilhoso a que rumam. "O maravilhoso é sempre belo, qualquer maravilhoso é belo, e mesmo só o maravilhoso é belo", sintetizou André Breton. Por isso, e porque a Internet fez da aldeia global pouco mais do que uma casa com um muitas divisões e ainda mais portas, os surrealistas de Portugal e os da Holanda, mas também os da Colômbia, do Chile, da Argentina, do México ou do Brasil, entre muitos outros oriundos de cerca de 30 países, não têm dificuldade em manter-se em contacto. Criam para uma plataforma comum, que se materializa nas revistas surrealistas "Brumes Blondes", "Tortue-Lievre", "Superieur Inconnu", "Pleine Marge", "Info-Surr", "Styx" e "Cahier de L'Umbo", entre outras, e organizam-se em grupos, por afinidades, para facilitar intercâmbios. É claro, muitos – como Rik e Elisé – viajam. "Quem já fez pequena fortuna à custa do surrealismo foram os Correios, cujos

serviços são diariamente utilizados para trocas de publicações e obras originais", diz, sorrindo, Miguel Carvalho.

RIK LINA E ELISÉ BLEYS

Hoje, o casal já pode 'dar-se ao luxo' de largar 'tudo' para procurar, em novos lugares, novas matérias digeríveis para os seus sonhos e fúteis para as suas criações, sejam elas cores inacessíveis do fundo do mar ou a amizade que encontraram numa povoação hospitaleira. Mas mesmo quando a existência de filhos pequenos aconselhava mais prudência, Rik e Elisé mantiveram-se fiéis aos seus valores, artísticos e humanos. Chegaram a partir sem bagagem para as Antilhas holandesas, pernoitando na praia – convém lembrar que o clima é ligeiramente mais agradável naquela latitude, pelo que a aventura, sendo-o, não era tão pensosa como seria, por exemplo, na Figueira da Foz – até Rik fazer uma exposição de pintura e conseguir dinheiro para construir uma casa. Com um invejável currículo de mergulho de mais de 1500 horas, Rik e Elisé renderam-se à Figueira da Foz em 2007, quando decidiram aproveitar uma deslocação a Santiago de Compostela, a propósito de uma exposição de Rik Lina na Fundação

Eugénio Granell (das únicas no mundo interessadas em Surrealismo Actual), para conhecer o amigo Miguel de Carvalho, que até então só conheciam por e-mail.

Os primeiros contactos entre o casal e o livreiro e editor figueirense surgiram a propósito da epistolografia desenhada de Cruzeiro Seixas a amigos, como Rik Lina, numa demanda que, aliás, resultaria na exposição "Naufrágio de Ilustrações – as letras pensam melhor quando de senhadadas", que este e também o paiente no Centro de Artes e Espetáculos (CAE) em Novembro de 2007. Rik e Elisé vieram e acabaram por ficar hospedados na casa de Miguel de Carvalho, que o próprio admite ser "o hotel dos surrealistas estrangeiros em Portugal". Quando partiram, levavam consigo a certeza de voltar. "Já cá tínhamos estado em férias, e sempre gostamos de Portugal", explica Elisé, num inglês claro. "Gostamos mais do que de Espanha", acrescenta, "sobretudo porque as pessoas são mais amigáveis". Talvez até demais, atendendo à cultura holandesa que lhe corre nas veias. "As vezes nem acredito que as pessoas sejam tão simpáticas, penso que querem algo de mim", confessa a ceramista, que ainda hoje

estranha que alguém que acaba de conhecer a cumprimente com dois beijos.

Voltaram em 2008, primeiro em Abril, depois em Outubro. Em Janeiro deste ano regressaram, e pelo menos até Agosto poderemos encontrá-los na sua casa amarela, a 500 metros da do amigo Miguel de Carvalho; no mercado a comprar peixe, jeropiga e legumes, ou na mais modesta tasca a culpar a comida lusitana pela "barriguinta portuguesa", que já notam, enquanto pedem mais um petisco. Também é provável encontrar Rik na praia, a recolher da natureza tudo, ou quase tudo, o que precisa para criar os pigmentos que depois, de forma automática, algures entre o humano e o animal, o racional e o irracional, transforma em arte, em cor, em textura, em vida.

A primeira tela que Rik pintou na Figueira tem mais de 5 metros quadrados e chama-se "dia da liberdade", em alusão à data, do ano passado, em que foi criada. Já depois de chegar definitivamente à Figueira, Rik Lina realizou uma obra sobre um velho e "horriovel" lençol que encontraram na casa amarela, num gesto de reciclagem artística em que só se acredita quando Rik vira o avesso do quadro e dei-

xa visível o padrão de mau gosto do antigo lençol. Mas as obras 'made in Cabo Mondego' são muitas, muitas mais.

No Cabo Mondego, Rik e Elisé estão em casa, e isso sente-se. Os amigos, e os mais que vierem por bem, também se sentem em casa. Mesmo com dezenas de linóleos espalhados pelo sofá (ver caixa). Mesmo com as embalagens de manteiga e biscoitos transformadas em recipientes para areia e terra, que peneira e mói, até estarem perfeitas para os seus pigmentos únicos. Mesmo com os preparativos para a exposição dos seus 50 anos de pintura, que terá lugar na Fundação José Rodrigues, no Porto, já em Agosto, e onde irá expor telas de 18 metros quadrados lado a lado com quadros de dimensões muito reduzidas, mas onde cabem os sonhos do Cabo Mondego. Ainda assim: o sorriso de Elisé e as suas improváveis cerâmicas, a energia tranquila de Rik e as suas obras vibrantes de cor e movimento, fazem-nos sentir em casa. Afinal, como disse o Conde de Lautréamont, o Surrealismo é "belo como o encontro casual entre uma máquina de costura e um guarda-chuva numa mesa de dissecação".

Andreia Gouveia

andrea.gouveia@figueirense.com

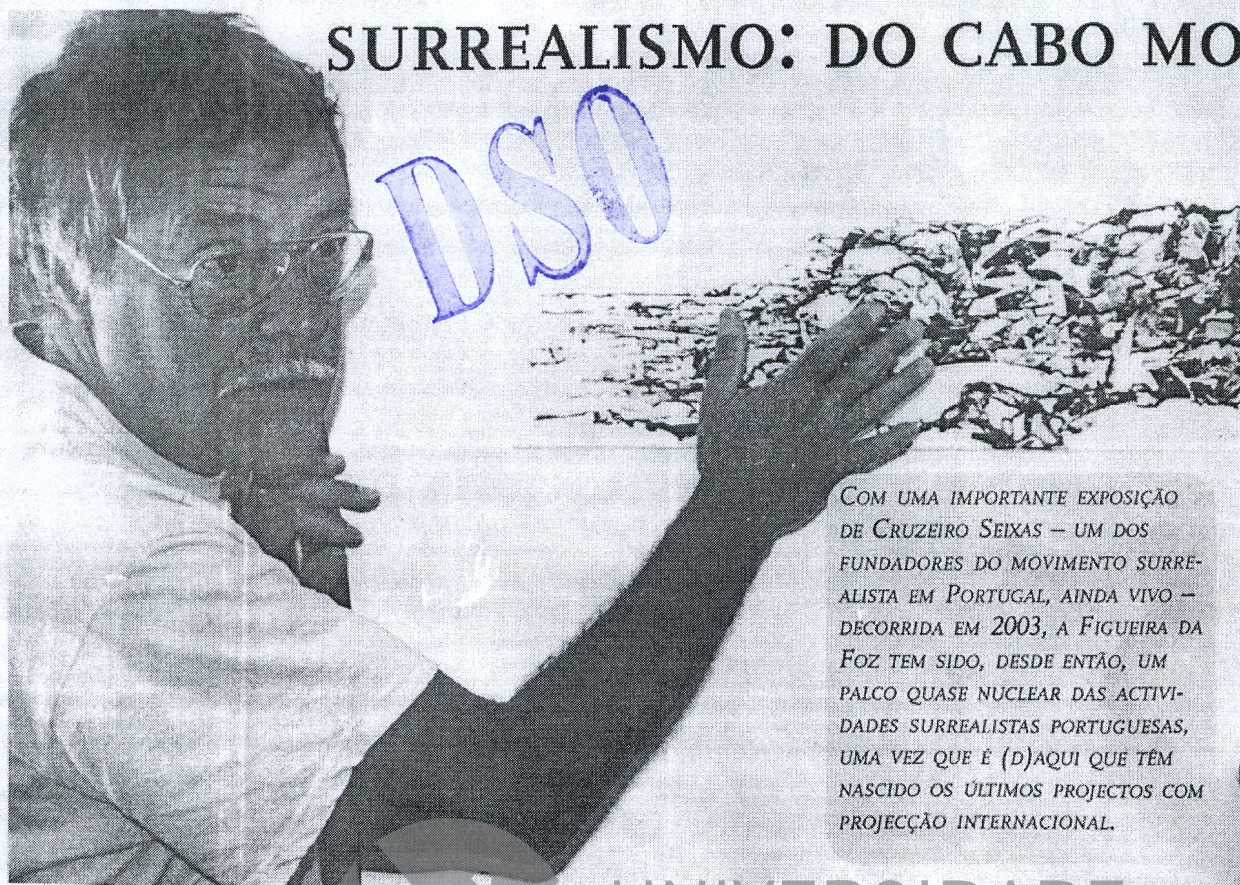


"DIÁLOGOS"

Uma edição artesanal DSO de homenagem a um amigo surrealista já ausente – Mário Cesariny – recebeu o nome de "DIÁLOGOS". São 150 linóleos, cujo conteúdo corresponde exactamente a trabalhos colectivos realizados entre estes três amigos: Mário Cesariny, Rik Lina e Miguel Carvalho.



SURREALISMO: DO CABO MONDEGO



COM UMA IMPORTANTE EXPOSIÇÃO DE CRUZEIRO SEIXAS — UM DOS FUNDADORES DO MOVIMENTO SURREALISTA EM PORTUGAL, AINDA VIVO — DECORRIDA EM 2003, A FIGUEIRA DA FOZ TEM SIDO, DESDE ENTÃO, UM PALCO QUASE NUCLEAR DAS ACTIVIDADES SURREALISTAS PORTUGUESAS, UMA VEZ QUE É (D)AQUI QUE TEM NASCIDO OS ÚLTIMOS PROJECTOS COM PROJEÇÃO INTERNACIONAL.

O surrealista Rik Lina, junto a um dos seus trabalhos, nascidos já durante a sua estada no Cabo Mondego

UNIVERSIDADE

NA LINGUAGEM COMUM, A DESIGNAÇÃO DE SURREALISMO É O ADJECTIVO SURREAL (EMBOBA NA SUA VASTÍSSIMA OBRA ANDRÉ BRETON APENAS O, TENHA UTILIZADO DUAS VEZES) APARECEM FREQUENTEMENTE NOS MEDIA, E ATÉ NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, LIGADOS À IDEIA DE ALGO QUE PARECE SAÍDO DE UM SONHO, UMA SITUAÇÃO CARICATA OU INVEROSÍMIL. MAS O SURREALISMO NÃO É, DEFENDEM OS SURREALISTAS, UM MOVIMENTO ARTÍSTICO. É, AFIRMA, MUITO MAIS DO QUE UMA CORRENTE DE PENSAMENTO, MUITO MAIS DO QUE O QUE A RAZÃO E A LÓGICA — QUE NÃO LHE BASTAM NEM LHE SERVEEM — CONSEGUEM EXPRESSAR EM PALAVRAS. NUMA TENTATIVA VÁ, PODE ARRISCAR AFIRMAR-SE QUE É UMA FORMA DE ESTAR NA VIDA, DE SENTIR À VIDA, DE VIVER E DE, AO LONGO DESSE ACTO, IR INTERAGINDO COM A VIDA, TENDO COMO PILARES A POESIA (NÃO COMO ESTILO LITERÁRIO MAS, PARAFRASEANDO ANDRÉ BRETON, COMO “PERFEITA COMPENSAÇÃO DAS MISÉRIAS QUE PADECEMOS”), A LIBERDADE E O AMOR, NUMA TRIÁDE EM QUE O DESEJO, ENTENDIDO COMO “ÚNICO IMPULSIONADOR DO MUNDO E ÚNICO RIGOR QUE O HOMEM SE DEVE IMPOR”, É SIMULTANEAMENTE O MÍNIMO E O MÁXIMO DENOMINADOR COMUM.

NO CABO MONDEGO, ONDE A TERRA ACABA E COMEÇA E O MAR COMEÇA E ACABA, SEM HORIZONTES QUE LHE ANTECIPE O FIM, O SURREALISMO VIVE, CRIA E AGITA.

FOMOS CONHECER O “CABO MONDEGO SECTION OF THE PORTUGUESE SURREALISM”.

Não é um grupo surrealista, pois não têm manifesto, nem querem ter. O nome designa ‘apenas’ a actividade colectiva exercida por um conjunto flutuante de pessoas, cuja liberdade é feita pela poesia e pelo amor. Quem por lá passa, à secção pertence.

O pintor Rik Lina e a sua esposa, a ceramista Elizé Bleys, estão na Figueira da Foz pela quarta vez desde 2007. O casal holandês habita uma casa amarela com vista para o mar e para a serra. Foi na sala colorida com as cores e as texturas das suas pinturas e *assemblages* que os dois artistas receberam a repor-

tagem de O Figueirense, numa tarde em que, como em tantas outras, desfrutavam da companhia do pintor português Seixas Peixoto, há muito a viver na Figueira da Foz, e do livreiro e editor figueirense Miguel de Carvalho. A faltar — e a fazer falta, sublinharam todos — estava o escritor coimbricense João Rasteiro. Quando juntos, constituem o núcleo do “Cabo Mondego Section of the Portuguese Surrealism”, um pólo que é sobretudo um local de encontro e de partilha de criações, de ideias, de vivências e de visões. Porque, defendem, “ao contrário do que pre-

tendem a maioria dos críticos de arte e dos académicos, que necessitam que o surrealismo esteja morto para fazerem carreira sem que ninguém lhes faça frente, o surrealismo está vivo. Porque, garantem, o surrealismo viverá enquanto houver Humanidade, porquanto poesia, liberdade, amor e desejo são características que definem o humano, como o são a locomoção erecta ou a memória.

UMA EDITORA SURREALISTA

A designação DEBOUT SUR L’OEUF (DSO) surgiu em 2006 do convívio entre Miguel de Carvalho e Cruzeiro Seixas, a propósito da necessidade de criar uma revista dedicada ao surrealismo, com fim de divulgar o que se pratica tanto cá como além fronteiras. Desta revista ainda não saiu o primeiro número (está na forja — garante o editor), mas o nome deu origem às edições artesanais que o livreiro-editor concebe, assim como ao manifesto das exposições que, periodicamente, acolhe no seu espaço em Coimbra.

Cruzeiro Seixas, o grupo surrealista checo “Stir Up” e Rik Lina, são, entre muitos outros, alguns dos nomes que já lá expuseram, sem fins comerciais: as edições artesanais, por exemplo, ficam-se pelos 30 ou 40 exemplares, que acabam nas mãos de alguns surrealistas de todo o mundo, ou nas mãos de alguns coleccionadores atentos

às movimentações dos surrealistas, como fez em julho de uma união sem fronteiras, e não em resultado de trocas com valor comercial.

Da mesma forma se produziram as actividades desenvolvidas em 2008, de que se destaca a exposição internacional de surrealismo actual “O Reverso do Olhar”, que esteve no Edifício do Chiado e na Casa da Cultura de Coimbra, trazendo àquela cidade a maior exposição de surrealismo actual em todo o mundo dos últimos 30 anos. Ao todo participaram 160 surrealistas, com mais de 320 obras de pintura, fotografia e esculturas, para não mencionar as dezenas de publicações periódicas e livros sobre a matéria. No mesmo ano, na Galeria Municipal Artur Bual, na Amadora, os surrealistas mostraram-se através da DSO em “A Voz dos Espelhos”, uma exposição que contou com intervenções de Seixas Peixoto, Rik Lina, Alfredo Luz e Miguel de Carvalho, assim como com a declamação de poesia de João Rasteiro e Alfredo Luz.

Já este ano, em Janeiro, dezenas destes surrealistas — por definição avessos aos poderes instituídos e modeladores, sejam eles políticos, religiosos ou outros — surpreenderam ao inaugurar uma exposição com o apoio municipal num convento: foi no Convento de S. José, em Lagoa, com a abertura a ser feita à luz das velas, entregues individualmente aos visitantes.

“O Marcel Duchamp já o fizera em 1938, em Paris”, fez notar Miguel de Carvalho lembrando que o título do evento era exactamente “Iluminações Descontínuas”.

CADAVRE EXQUIS

É um dos ‘jogos’ que mais seduz os surrealistas. Consiste na prática colectiva de desenhos e/ou escritos. Cada um dos par-

ticipantes executa livremente o seu desenho ou escrito sem tomar conhecimento do que fizeram o participante anterior com cujo trabalho tem continuidade. Deixa apenas visível uma pequena secção (riscos ou palavras) por onde se inicia a intervenção do participante seguinte. Elabora-se sucessivamente esta técnica até esgotarem a totalidade das participações no jogo. No final,



Elisé Bleys e Rik Lina na sala da sua casa/atelier